

Só 4 bancos confirmam vinda ao Brasil

BRASILIA — No primeiro dia marcado pelo governo brasileiro para receber a visita dos credores estrangeiros, somente quatro bancos, dois americanos e dois franceses, confirmaram ontem que mandarão técnicos ao Brasil para uma negociação individual da dívida externa. São eles o Credit Lyonnais, que chega amanhã, o Manufacturers Hannover, no dia 29, o Bank of America e o Société Générale que estarão no Brasil no dia 5 de setembro.

Segundo o embaixador Jório Dauster, negociador extraordinário da dívida externa, o governo não espera que os bancos enviem ao Brasil funcionários do primeiro ou do segundo escalão. As reuniões, enfatizou Dauster, serão de caráter técnico. Mesmo assim os números não estarão nas pautas de discussão, porque a intenção do governo brasileiro é apenas conhecer os critérios já utilizados pelos credores em outras negociações e as propostas que eles têm para o Brasil.

Na lista dos 30 bancos convidados para virem ao Brasil, o Bank of America consta como o terceiro maior credor brasileiro, enquanto o Credit Lyonnais está em sétimo lugar, o Manufacturers Hannover em oitavo, e o Société Générale, em 19º. Do total de US\$ 33,5 bilhões que o Brasil deve aos bancos convidados, cabe aos quatro que já confirmaram a vinda apenas US\$ 5,4

bilhões. O período de visitas fixado pelo governo brasileiro se estenderá até o dia 14 de setembro e até lá deverão chegar mais confirmações, informou Dauster. Da parte dos credores, no entanto, a negociação individual tem gerado resistência. A maior parte deles quer que a negociação da dívida brasileira passe pelo comitê assessor, composto por 14 bancos.

Redução — O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, inicia hoje importantes contatos com autoridades do governo brasileiro, que darão o tom das negociações para redução dos débitos junto aos países credores. A chamada dívida oficial merecerá um tratamento diferenciado e a expectativa dos negociadores brasileiros é de que estes débitos também possam ser reduzidos, através de esquemas especiais. "É preciso identificar quais as condições e os limites para redução da dívida oficial", explicou o embaixador Jório Dauster. Neste sentido, a viagem de Mulford ao Brasil se reveste de especial importância, porque as autoridades sabem que o subsecretário do Tesouro constituirá peça-chave na montagem de um novo esquema de financiamento e pagamento da dívida brasileira.

As opções de renegociação com a comunidade financeira internacional estão sendo definidas a cada dia e os detalhes ficam escondidos a sete chaves. No caso da dívida oficial, como os títu-

los não podem ser negociados no mercado secundário, a estratégia brasileira é estimular a conversão de parte destes débitos em investimentos diretos no país. Daí a importância da presença de David Mulford neste momento em que idéias deste tipo começam a amadurecer entre a equipe econômica.

Sinal verde — Trata-se de uma proposta revolucionária para a qual as autoridades brasileiras tentarão conquistar o apoio norte-americano, tão logo o Fundo Monetário Internacional (FMI) dê o sinal verde, aprovando o programa de estabilização. Afinal, o cronograma continua o mesmo: FMI, países credores reunidos no Clube de Paris e depois os banqueiros internacionais. Tudo dependerá do êxito das conversas informais com dirigentes dos bancos credores, o que é difícil avaliar diante da constatação de que somente quatro bancos confirmaram disposição de um diálogo com os negociadores brasileiros.

Com os bancos credores, a conversa será um pouco diferente. Existem propostas para negociar até mesmo o perdão de parte da dívida. Ou seja, fazer prevalecer na linguagem técnica o que se chama *write off*, que significa eliminação da dívida. Os negociadores brasileiros tentarão refrescar a memória de seus credores, lembrando que o país já remeteu bilhões de dólares ao exterior como pagamento de juros, o que justifi-

caria o perdão de parcela do débito. No menu de opções constarão, ainda, propostas de conversão da dívida e sua renegociação a partir do nível do deságio dos títulos brasileiros no mercado secundário.

Os encontros de Mulford com autoridades do governo brasileiro começam hoje pela audiência com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e seus principais assessores. O subsecretário se reunirá também com o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, com o secretário de Planejamento, Marcos Fonseca, sempre acompanhado do negociador extraordinário da dívida externa, Jório Dauster. Na sua agitada agenda não está programado um encontro com o presidente Fernando Collor, mas apenas uma conversa com o secretário-geral da Presidência, Marcos Coimbra, e outros contatos com autoridades do Itamarati.

Os temas não ficarão restritos às negociações da dívida externa e aos entendimentos com o FMI. A visita de David Mulford também se enquadra na discussão do Plano Bush para formação de um mercado comum na América Latina, a partir de sua viagem a outros países, como Honduras, Venezuela, Chile, Argentina e El Salvador, e das novas medidas do governo Collor de abertura do comércio brasileiro a investimentos externos.